

Trabalho de Campo I – Profa. Dra. Valeria de Marcos  
Texto 20 – item 5.2 aula 9

17 cópias

QUEIROZ, M. I. P. de. Das técnicas. Técnica de gravador e registro da informação viva. Das entrevistas e da sua transcrição. In: \_\_\_\_\_. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, p. 57-90.

MARIA ISaura PEREIRA DE QUEIROZ

VARIAÇÕES SOBRE A TÉCNICA  
DE GRAVADOR NO REGISTRO DA  
INFORMAÇÃO VIVA

T. A. QUEIROZ, EDITOR  
São Paulo

#### IV - Das técnicas

Maria Isaura Pereira de Queiroz

"Técnica" é procedimento, ou conjunto de procedimentos bem definidos, transmissíveis, destinados a produzir determinados resultados; liga-se, pois, diretamente à prática, à ação, mas também, e de maneira fundamental, aos resultados a que se quer chegar. Assim, por exemplo, uma vez tomada a determinação de conhecer a maneira de viver, de se comportar, de pensar, dos trabalhadores de poucos recintos na cidade de São Paulo, entre 1920 e 1937, e fixado com precisão como procurá-los, era necessário decidir qual a melhor forma de chegar a resultados válidos, como captar eficazmente as recordações dos mesmos.

A finalidade sendo recolher e registrar as lembranças destes trabalhadores, pareceu às pesquisadoras que a técnica mais adequada seria a da entrevista com gravador, pois este mecanismo permite aparecer com fidelidade os monólogos dos informantes, ou o diálogo entre informante e pesquisador, guardando-os em seguida por longo tempo, isto é, por todo o tempo em que a fita se mantiver intacta. Foi esta a técnica escolhida, afastando-se a utilização de outra, que seria por meio de registro escrito.

Anteriormente à invenção e disseminação do gravador, eram também colhidos longos depoimentos e histórias de vida de informantes por meio do registro escrito. A maneira de operar podia seguir dois caminhos: a) a entrevista entre informante e pesquisador, simplesmente; b) a entrevista do informante com dois pesquisadores.

Em ambos os casos, há a observar primeiramente que o pesquisador é sempre fator de perturbação para o informante, que pode ir ao ponto de anular a possibilidade da entrevista; quanto maior a distância social ou qualquer outro tipo de disparidade (idade, sexo), entre pesquisadores e entrevistados, mais se corrê o risco deste obstáculo. A total inibição dos informantes desencadearia muitas vezes seu mutismo, ou um palavreado tão desconexo que não chegaria a veicular informações.

Observou-se muitas vezes que esta inibição tinha por foco o lápis na mão do pesquisador, correndo célere sobre o papel, no afã de nada perder do que estava sendo narrado. Procurou-se então solucionar o problema nada escrevendo diante do entrevistado; terminada a entre-

vista, o pesquisador rapidamente se dirigia a um local em que pudesse verter para o papel tudo quanto ouvira. Deste processo resultavam certamente perdas e lacunas, porém ressaltava-se a espontaneidade e o à-vontade do informante. Uma segunda solução foi a entrevista ser executada por dois pesquisadores a um tempo; enquanto um deles conversava com o entrevistado, o outro anotava o que ia sendo narrado. Com a atenção atraída para o pesquisador que dialogava com ele, o entrevistado esquecia-se do segundo, o qual com calma podia desempenhar a sua tarefa. Desta forma, resultavam depoimentos mais fielmente registrados e também mais despreocupados e espontâneos.

O aperfeiçoamento dos gravadores e seu barateamento, assim como o barateamento das fitas, trouxe praticamente o abandono do registro escrito imediato. A demonstração da riqueza de detalhes e da conservação dos dados que permitia foi largamente comprovada na década de 50, quando Oscar Lewis publicou o livro que o celebrou, *Os filhos de Sanchez*, em que apresentava as histórias de vida dos membros desta família pobre nas malocas da Cidade do México (Lewis, 1970). No entanto, o gravador também é fonte de inibição para determinados informantes que, ao contrário, podem aceitar o registro escrito; este, portanto, não é hoje somente relegado aos "cadernos de campo", porém continua existindo para entrevistas que não seria possível obter de outra forma.

A captação de informações, depoimentos, histórias de vida por meio do gravador representa, sem dúvida, uma ampliação do poder de registro dos pesquisadores. Possuir, porém, a fita gravada não constitui solução definitiva, nem para a guarda indefinida do material, nem para a realização de pesquisas. A inibição do informante não fica anulada; muitos deles "temem" o gravador, titubeam, balbuciam, e não raro somente a partir de uma segunda tentativa o relato flui com mais segurança. E neste caso não há possibilidade de distrair a atenção do entrevistado, por meio de uma dupla de pesquisadores... A máquina inibidora está sempre ali presente.

Além disso, a fita do gravador é produto perecível, que necessita ser armazenado em determinadas condições específicas para salvaguardar sua durabilidade. É verdade que o papel também é produto perecível; mas suas condições de reprodução e armazenamento são muito mais fáceis e menos onerosas do que as da fita gravada, embora ocupe muito mais espaço do que esta.

Por outro lado, o manuseio do material escrito para utilização de pesquisa é mais fácil do que o do material gravado que, se submetido repetidas vezes à escuta, rapidamente se deteriora. Contraditoriamente, a conservação da fita gravada exige que seja pouco ouvida, enquanto sua utilização como material de pesquisa exige que seja repetidamente ouvida... Estas circunstâncias impõem a necessidade da passagem da

fita gravada à página escrita, tanto como o melhor meio de guardar por longo tempo o material, quanto em relação às possibilidades de análise em pesquisa. Por isso, à fase da gravação segue-se sempre a fase da transcrição.

Apesar destas considerações, a técnica de gravador foi a escolhida, como já se disse, para a realização da pesquisa sobre a memória dos trabalhadores de poucos recursos em São Paulo.

Esta coleta pode seguir três rumos distintos: 1) entrevista rigorosamente orientada por perguntas do pesquisador, numa utilização do diálogo, em que falam alternadamente o pesquisador e o informante, este não tendo liberdade de conduzir a conversa, nem tendo iniciativa de fala; 2) entrevista com roteiro, ou semi-orientada, em que o pesquisador de tempos em tempos efetua uma intervenção para trazer o informante aos assuntos que pretende investigar; o informante fala mais do que o pesquisador, dispõe de certa dose de iniciativa, mas na verdade quem orienta todo o diálogo é o pesquisador; 3) finalmente, entrevista realmente livre, em que o pesquisador, depois de um breve diálogo inicial, limita ao máximo, realmente, suas intervenções, de tal modo que a fita registre um verdadeiro monólogo do informante, ou ainda que a entrevista se aproxime bastante do que seria a fala do indivíduo consigo mesmo, o solilóquio.

Estas três formas de entrevistas, tendo características diversas, não são adequadas às mesmas finalidades. O diálogo entre pesquisador e informante tem por objetivo a coleta de informações precisas sobre determinado problema, por meio de perguntas e respostas efetuadas de maneira direta, tanto quanto possível; o pesquisador define sempre de antemão, em detalhe, o que está procurando, e é ele quem conduz o jogo, donde sua posição claramente de dominação neste relacionamento. Da precisão do conhecimento anterior que possui sobre o que deseja saber, dependem a acuidade e a objetividade das perguntas. O emprego desta técnica pressupõe, portanto, que exista já um conhecimento acumulado a respeito daquilo que se pesquisa, sendo necessário agora determinar com rigor certos aspectos ou certos detalhes. É uma técnica essencialmente informativa a respeito de dados específicos.

Na entrevista com roteiro, o conhecimento anterior sobre os problemas a serem resolvidos pode ser menor, ou então o pesquisador deseja ao mesmo tempo ter certo conhecimento de como o informante conduz seu discurso. Deixa-lhe por isso certo grau de liberdade, trazendo-o novamente aos problemas todas as vezes que percebe uma divagação para rumos totalmente diversos; trata-se, pois, de dosar as intervenções. Por outro lado, também neste caso o pesquisador segue um caminho pré-determinado, e suas intervenções são no sentido de impor este caminho ao informante. Atualmente, este tipo de

21  
entrevista tem sido preferido ao diálogo, por se reconhecer a vantagem de, ao mesmo tempo, colher os dados desejados com, ao que se acredita, maior espontaneidade por parte do informante. Aqui também a posição do pesquisador é de dominação, porém uma dominação camuflada, que tende a dar ao informante a impressão de que ele detém pelo menos alguma liberdade na condução da fala.

Na entrevista em que se registra praticamente o solilóquio do informante, deixa-se a este, depois de colocado o problema em sua generalidade, o direito de tomar os rumos que preferir, de ir e vir no relato. Não se quer que ele tenha apenas a impressão de que conduz livremente sua fala, como no caso anterior; o que se pretende na verdade é que narre livremente, pois tanto é importante o que relata quanto o ritmo de seus pensamentos e de suas recordações. Esta é a técnica apropriada para a coleta de narrativas longas, com encadeamento de ações, de acontecimentos, de circunstâncias, no tempo; também se pretende conhecer de maneira profunda o modo de pensar do informante e, através dele, sua visão do mundo.

Esta última forma de entrevista tem sido considerada a mais apropriada para a coleta tanto de "histórias de vida" quanto de "depoimentos pessoais". Para ambos, também, a entrevista com roteiro é apropriada; porém o monólogo parece muito mais eficiente e satisfatório, oferecendo resultados mais ricos, pois se capta melhor a visão do mundo do informante. "Histórias de vida" e "depoimentos pessoais" constituem o conjunto de material que tem sido designado ultimamente, em ciências sociais, como "documentação oral", ou "documentação viva".

Não se trata de procedimentos novos; antecedem de muito a existência do gravador. Mesmo no Brasil já davam lugar em 1953, a um conjunto de reflexões de vários pesquisadores (Basitide, 1953; Moreira, 1953; Pereira de Queiroz, 1953), e vinham sendo utilizados havia tempo no exterior, principalmente pela antropologia cultural. Tiveram um desenvolvimento rápido a partir do momento em que os gravadores puderam ser utilizados e largamente difundidos, facilitando grandemente o trabalho, e dando lugar à organização, no país, dos museus da Imagem e do Som.

Sem dúvida a obra de Oscar Lewis já citada, que reunia um conjunto de histórias de vida colhidas numa mesma família mexicana, marcou o início de nova era, com o emprego então do gravador (Lewis, 1970). Definiu-se nesse momento mais claramente o que seria uma "história de vida", isto é, a longa reconstituição e o relato do passado efetuado pelo próprio indivíduo, desde o ponto mais longínquo de que se recorda, até os dias atuais. Relato autobiográfico, mas do qual a escrita (que define a autobiografia) está ausente, substituída pela palavra ditada à máquina, ou pela palavra ditada a alguém.

32

A "história de vida" será, portanto, tanto mais longa quanto mais idoso for o informante e, desta maneira, exige grande seqüência de sessões de gravação. Mesmo no caso de informantes jovens, é trabalho que requer tempo para a narração integral ser registrada, uma vez que informante e pesquisador não devem ultrapassar certo período de duração de conversa, devido ao cansaço; duas horas parece ser o máximo, ou por volta disso, sendo que também as entrevistas devem ser espaçadas na semana para se manter o ritmo de interesse por parte do informante. A coleta de histórias de vida, é, portanto, longa, sendo necessário maior período para esta fase da pesquisa do que para outros, nos projetos em que é empregada, podendo levar inclusive um ano ou mais. Por isso, os autores que lidaram com histórias de vida se concentraram muitas vezes numa apenas, ou numa quantidade muito diminuta, reproduzindo-as em seguida integralmente e fazendo convergir sua análise exclusivamente sobre elas. A passagem delas para a datilografia é também longa e trabalhosa, dado o volume de informações, como longa e trabalhosa é a análise posterior. É pesquisa que absorve a atenção do cientista durante anos.

Os "depoimentos pessoais" se concentram ou sobre um lapso de tempo mais reduzido (na pesquisa que serviu de base a estas reflexões, o período se estendia de 1920 a 1937), ou sobre uma série de acontecimentos marcantes que permita aprofundar informações e aumentar os detalhes a respeito de algo que foi bastante delimitado (pedir, por exemplo, o relato de um político antigo sobre os eventos de 1930). Não abrangendo a totalidade da existência do informante, os depoimentos pessoais podem ser mais numerosos, multiplicando-se a quantidade de informações. *As entrevistas, tanto numerosas, e desde que colhidas ao término de entrevistas-mônologos, também permitem, além de um conhecimento das mentalidades dos informantes, uma comparação entre eles segundo o sexo, idade, instrução, etc., a fim de se destacarem convergências e divergências. Objetivos que dificilmente podem ser alcançados nas histórias de vida, devido à sua pequena quantidade.*

Numerosos, os depoimentos pessoais permitem testar a veracidade dos fatos relembrados, o que constitui importante tarefa do historiador. Mas, além deste aspecto, e talvez mais importante ainda, cumpre verificar se informantes diversos têm os mesmos comportamentos, as mesmas maneiras de ser e de pensar e, caso contrário, em que se distinguem. Noutras palavras, trata-se de tentar descobrir por onde passam linhas coletivas de diferenciação — separando, por exemplo, a coletividade dos homens da coletividade das mulheres; a coletividade dos que fizeram o primário, dos que não o fizeram; a coletividade dos que se criaram na cidade, a coletividade dos que se criaram no meio rural etc.

Quer se trate de histórias de vida, quer se trate de depoimentos pessoais, a gravação permite manter ao máximo as próprias expres-

sões dos informantes e a sua maneira de encadear os fatos; às duas formas de relato é adequada a expressão "técnica de liberdade"; como a chamou o prof. Roger Bastide (Bastide, 1953, p. 7). As intervenções do pesquisador só ocorrem quando absolutamente necessárias; por exemplo, quando o informante descreve uma passagem peculiar de sua vida, pode-se pedir maior precisão sobre algum detalhe. Sobretudo, não impedir que o informante vá e volte na narrativa como desejar; pois esta aparente desordem é muito mais reveladora do que quando se exigem seqüências marcadas e nítidas.

A diferença entre o diálogo (que é um questionário falado, cabendo-lhe portanto as mesmas observações, praticamente) e o monólogo é patente. Os questionários — forma extrema do diálogo — são compostos de séries de questões estandardizadas, efetuadas da mesma maneira a todos os informantes, quaisquer que eles sejam; estão disciplinados segundo temas que correspondem aos problemas que o pesquisador visa esclarecer, de tal maneira que correspondem já ao esquema do que será o relato final do pesquisador. Muitas vezes, o próprio âmbito das respostas é estritamente delimitado por este. Tudo decorre, pois, das preocupações e da formação do pesquisador, nada tendo a ver com os mecanismos de raciocínios próprios do informante; noutras palavras, este é compelido a responder segundo uma ordem que não somente lhe é exterior, mas, e principalmente, estranha.

Todo o material assim colhido — inclusive as respostas às perguntas abertas — se torna portanto muito mais rico, muito menos específico aos informantes, porém muito mais adequado ao que é buscado pelo pesquisador. *Pode-se perguntar também, levantando uma questão de ordem, se o pesquisador estaria atingindo o "real visível pelo "outro", ou se, ao contrário, não estaria captando um conhecimento que ele mesmo inconscientemente construiu, no quadro de uma teoria ou de teorias que corresponderiam à sua própria maneira de pensar.* Noutras palavras, por meio de seu questionário escrito, ou de suas perguntas no diálogo, não estaria o pesquisador arquitetando um objeto que correspondesse aos seus interesses? Mesmo quando se considera que, do ponto de vista científico, um objeto de estudo é sempre especificamente construído pela ciência, a pergunta atrás não perde o seu interesse, principalmente quando o informante — pessoa humana — é o repositório dos dados. Nesse caso se estaria levantando a dúvida de que o conhecimento ou as informações alcançadas fossem plenamente autênticas, uma vez que toda a sua conformação teria sido estruturada pelo próprio pesquisador.

Por sua vez, as histórias de vida e os depoimentos pessoais, livremente narrados pelos informantes, comporiam objetos cuja construção releva deles mesmos, depois do impulso inicial dado pelo pesquisador; consubstanciam suas representações, a sua visão. Mesmo se

tratando de dados de caráter fixo e estável, exteriores a eles (como a revolução de 24, ou a revolução de 30, no projeto de pesquisa que foi objeto destas reflexões), captar-se-iam não apenas estes dados em si, porém também o conhecimento, a percepção que os informantes deles teriam. Talvez neste ponto esteja a diferença entre o procedimento de questionário e de diálogo, de um lado, e o procedimento das histórias de vida e dos depoimentos pessoais, de outro: o pesquisador busca captar os dados, no primeiro caso, como se tivessem uma existência em si, independente tanto dele mesmo quanto do informante, e por isso procura formular todas as suas perguntas numa forma direta e percutiva que exclua as divagações; enquanto no segundo caso as divagações se tornam importantes dados de pesquisa também. Porém, a crítica vai mais longe: ao procurar atingir os "dados em si mesmos", através do questionário e do diálogo, não dará o pesquisador a este a forma que já lhes atribua no seu próprio pensamento? A dúvida poderia ser resolvida através do cotejo destas informações com outros documentos obtidos das mais diversas maneiras.

No caso da pesquisa que motivou estes comentários, tratava-se de conhecer a vida e o universo de comportamentos e pensamentos dos informantes num período de 17 anos, período para o qual não haviam sido delineados temas precisos. Por isso o procedimento dos "depoimentos pessoais" pareceu mais adequado ao que se buscava alcançar, desde que mantida, tanto quanto possível, a prática do monólogo por parte do informante. A utilização do condicional, ao se redigir esta frase, prendeu-se ao fato de que sempre se manteve a atenção alerta a fim de verificar se realmente esta seria a técnica mais eficiente e mais coerente com o que se pretendia alcançar. Pressupunha também que no decorrer do trabalho, e no seu final, se fariam balanços do desempenho técnico, para se expressar os aspectos positivos e negativos, para sugerir as melhorias que se poderia trazer a ele.

A gravação de depoimentos pessoais, que utilizava assim a "técnica da liberdade", foi acrescentada uma complementação sob duas formas principais: a ficha do informante e o caderno de campo. Trata-se de técnicas complementares, que constituem elemento imprescindível em qualquer pesquisa; e o termo "complementar" de forma alguma significa secundário, ou algo que possa ser suprimido sem dano para a mesma. Ao contrário, "complementar" deve ser entendido no sentido essencial do termo: algo que se deve acrescentar a uma coisa incompleta para que ela atinja a sua totalidade, para que a ela nada falte. É esta a real importância das duas técnicas apontadas.

A ficha de informante encerra os dados pessoais desse: idade, sexo, estado civil, cor, nacionalidade, naturalidade, nível de instrução, religião, ocupação atual, ocupação já exercida. Registra, portanto, dados que são imprescindíveis para a análise correta das entrevistas. Po-

deria talvez ser chamada de "ficha de identificação", termo mais abrangente e que engloba também tudo quanto se deve saber de um documento, quando a pesquisa é com este material e não com material humano; pois é preciso sempre dizer com todos os detalhes qual a fonte em que se colheu o material, para que possa ser procurado e utilizado por outros pesquisadores, além de que deve ser também verificada sua existência e seu valor pelos demais. A "ficha de identificação" registra, portanto, dados objetivos, isto é, que não dependem das opiniões e modos de pensar dos pesquisadores e dos informantes.

Implicitamente se admite que tais informações podem esclarecer algo a respeito do que se procura saber. Também está implícito o pressuposto de que toda coleção de indivíduos, seja ela qual for, é por natureza internamente diferenciada, compoindo "agregados"; sempre verificar até que ponto estas diferenças pesam sobre seu comportamento e opiniões, estabelecendo, ao nível de comportamentos e de opiniões, "agregados" correspondentes aos "agregados" de sexo, de idades, de instrução, etc. Noutras palavras, a ficha de informante não é metro depósito de informações individuais; ela tem um sentido coletivo dentro da pesquisa, de onde sua importância. Não deve ser tomada, ou melhor, os dados que encerra não devem ser tomados como evidências já esclarecidas; colocam sempre pontos de interrogação: "Será que homens e mulheres da mesma camada social têm as mesmas opiniões? Será que a idade é um limite válido entre indivíduos de idades diferentes?" É possível que as respostas sejam negativas, e que as determinações de comportamentos e opiniões passem por outras delimitações, que é sempre finalidade da pesquisa descobrir; ou é possível que a validade das diferenças seja corroborada.

Quando se trata de pesquisas por questionários, esta ficha constitui geralmente o cabeçalho dos mesmos; no entanto, ela tende muitas vezes a ser esquecida ou considerada sem importância nas entrevistas, ou então a ser estabelecida muito sumariamente. É para a sua condição de grande relevância que se quer chamar a atenção. Mesmo que na pesquisa em curso ela não seja plenamente utilizada, constitui um armazenamento de dados para outras pesquisas, além de permitir a outros pesquisadores uma identificação correta do material. Note-se ainda que ela é sempre, em si mesma, um questionário; isto é, um conjunto de perguntas diretas e muitas vezes fechadas que se dirige ao informante. É que questionários semelhantes devem ser sempre construídos também para documentos escritos, quando se trata de pesquisa efetuada com esta documentação, caso em que a preocupação principal deve ser a de identificação e localização precisas.

No trabalho que serve de base para estas reflexões, figuraram também na ficha as condições econômicas dos informantes, embora estas constituíssem os limites gerais do "agregado" a ser inquirido ("traba-

lhadores de baixos recursos”), o que pressupunha a semelhança destas condições. É que, no caso em pauta, a definição dos “baixos recursos” passava tanto pela ocupação presente quanto pelas ocupações passadas, que podiam, ambas, agir como fatores de recortes da coletividade pesquisada. Justifica-se a pergunta referente à ocupação atual por dois motivos: primeiramente, porque é indispensável conhecer a condição do informante no momento em que a entrevista é efetuada, pois toda a sua vida presente estará influenciando as recordações que vai buscar ao passado; lembrar é uma atividade do presente, diz muito justamente Ecléa Bosi (1979, p. 17). Em segundo lugar, porque pode revelar rapidamente a evolução ou não das posições sócio-econômicas do informante na escala social, do momento recordado até hoje.

O terceiro instrumento de coleta empregado na pesquisa em foco foi o “caderno de campo”, que muitos pesquisadores chamam de “diário de pesquisa”. Consta de anotações efetuadas pelo pesquisador, registrando as condições em que foi feita a entrevista (onde, quando, quem, o que, como) e contendo todas as observações e reflexões que ocorreram ao pesquisador durante sua execução. Se várias entrevistas foram efetuadas com a mesma pessoa, haverá registros referentes a cada uma delas no caderno de campo, que é efetivamente um diário; pois, ainda com a mesma pessoa, sempre se modificam, de uma entrevista a outra, os contextos em que ocorrem; há sempre algo mais a registrar referente à personalidade e às características do entrevistado. As observações do caderno de campo esclarecem mudanças perceptíveis das entrevistas, e atribuíveis às condições específicas em que se realizaram; também: contém mais detalhes descritivos e pessoais acerca do informante; encerram as particularidades do relacionamento entre pesquisador e informante; e contêm as observações a respeito da aplicação da técnica, todas as vezes que esta foi posta em prática, suas facilidades e dificuldades, seus aspectos positivos, satisfatórios, negativos. Seja com referência às características do informante, às condições das entrevistas, às relações entre informante e pesquisador, às impressões e emoções de ambos, aos detalhes da aplicação técnica, seu conteúdo ganha outro significado e importância quando, ultrapassando a simples descrição, se reveste de um significado crítico. Revela notar ainda que, muitas vezes, sob uma aparente descrição singela do caderno de campo, a crítica (irrefutáveis) existe implícita; a segunda, a terceira leituras do caderno de campo, juntamente com a análise do material, fazem então com que ela aflore, suscitando um aprofundamento das reflexões.

Este caráter que reside o maior valor do caderno de campo, pois fornece bases para reflexão, quer sobre o material, quer sobre o relacionamento informante-pesquisador, quer sobre as técnicas utiliza-

das, reformulando-as quando necessário, buscando descobrir sua amplitude e suas limitações. Muito empregado pela antropologia, o caderno de campo foi negligenciado, ou mesmo omitido, pelos sociólogos como algo de somenos; principalmente os utilizadores de questionários regra geral o desdenham, achando que está muito preso ao subjetivismo do pesquisador. Na verdade, sua falta significa uma concentração da atenção na técnica mecânica da coleta e de interpretação dos dados, como se estes fossem os únicos pontos mercedores de interesse. Suprime-se, assim, toda a reflexão que existiu no decurso da coleta, consequência de todas as situações que podem tê-la influenciado, como também de tudo quanto ocorreu durante a análise subsequente dos dados; as peculiaridades de cada momento da pesquisa, os aspectos proveitosos, o interesse ou as inutilidades de certos passos, os detalhes do relacionamento do pesquisador com o objeto pesquisado, deixam por assim dizer de existir. Implicitamente são considerados “os seus do ofício”, que se tem de suportar porque dele fazem parte intrínseca, e, sendo “naturais”, não merecem maior atenção. É fácil depreender o que este desconhecimento do valor do caderno de campo para o sociólogo tem trazido de nocivo ao aperfeiçoamento das pesquisas, e de fator de superficialidade para estas. Sua utilização deve então ser exigida, seja qual for a técnica empregada na coleta, e mesmo que se trate de pesquisas documentais.

O número de entrevistas por pesquisador, no caso de depoimentos pessoais, é calculado em geral de acordo com o prazo alocado à realização da pesquisa e o tempo de que dispõem os pesquisadores para efetuar suas tarefas e levá-las a termo; pois raramente o pesquisador em ciências sociais está unicamente encarregado da pesquisa, a qual divide seu tempo com outras atividades de sua profissão, quando é professor, por exemplo; ou quando é funcionário; ou quando exerce um outro ofício. No caso em foco, os recursos financeiros obtidos determinaram o prazo do trabalho, que deveria ser de um ano, portanto somente por mais alguns meses. Tal período de tempo não permitiria mais que três, quando muito quatro depoimentos pessoais para cada pesquisadora, uma vez que estas só poderiam dedicar meio período à tarefa: os recursos disponíveis não admitiam que fossem remuneradas por tempo integral. O cálculo de quantidade de entrevistas é, assim, fortemente determinado pelo orçamento, isto é, por um fator exterior à pesquisa.

No entanto, como se trata de depoimentos pessoais que são relações mais ou menos longas, o número de três ou quatro por pesquisadora parece suficiente para serem delineadas as primeiras linhas gerais relativas ao problema. Como se viu, um dos objetivos do trabalho era preencher uma lacuna de dados, através da memória dos trabalhadores de poucos recursos na cidade de São Paulo. Realmente, a quan-

tidade de depoimentos a serem levantados não poderia satisfatoriamente dar conta dessa finalidade. Tratando-se, porém, de ter apenas um primeiro bloco de informações, o número parecia suficiente; a partir do que fosse descoberto, tornar-se-ia possível planejar pesquisas futuras, que descessem a detalhes mais minuciosos e que ampliassem os conhecimentos.

A quantidade de entrevistas é sem dúvida pequena, diante da complexidade dos objetivos. É inútil, porém, pretender executar algo que ultrapasse as possibilidades materiais e práticas da empresa. Coletar entrevistas em quantidade, armazená-las, não leva a nenhum aumento de conhecimentos, a não ser relativamente à utilização mecânica da técnica de gravador; continuar-se-á desconhecendo tudo a respeito da realidade. Por outro lado, o escopo da pesquisa era também efetuar um treinamento das pesquisadoras, que se pretendia o mais completo possível. Deveriam elas, portanto, efetuar a coleta de dados, analisá-los, chegar à síntese, formular conclusões, estas sob a forma de interpretação e levantamento de novos problemas. Tal resultado só seria possível delimitando-se a quantidade de entrevistas por pesquisadora.

Além disso, pode-se também arguir com Émile Durkheim que "uma observação só, mas bem feita", ou "uma única experiência bem conduzida", leva a conhecimentos válidos; não é a quantidade de fatos registrados que conduz a conhecimentos novos, e sim a análise cuidadosa de "fatos decisivos ou cruciais" (Durkheim, 1963, p. 74-75). O inventário dos fatos é algo de inesgotável, diz ainda este autor; é sempre necessário efetuar cortes na realidade e, para tal, escolher critérios que, na quantidade infinita dos dados, estabeleçam pontos de referência eficazes, permitindo balisar as observações.

Os critérios foram, portanto, de duas ordens: uma, referente à finalidade da pesquisa, que era o critério científico interno a ela; outra, referente aos recursos financeiros e ao tempo de que se dispunha, e que eram critérios de ordem prática, exteriores à pesquisa. Uns e outros tiveram por base o pré-conhecimento da vida na cidade de São Paulo, através da experiência pessoal das pesquisadoras, e através da documentação levantada previamente à formulação da pesquisa. Todas estas atividades anteriores, todas estas discussões, configuraram o que em certas pesquisas tem sido denominado "experiência piloto", ou "pesquisa piloto"; uma primeira tomada de contato com os problemas que se quer pesquisar, para verificar sua exequibilidade e sua adequação ao que se deseja conhecer.

Restava, então, iniciar o trabalho. Este constituiria o teste sobre a validade ou não do que havia sido proposto e, no caso de resposta positiva, sobre as vantagens e limitações das tarefas empreendidas a fim de obter novos conhecimentos. Desvendar-se-ia então se as linhas de diferenciação da coletividade (sexo, ocupação, etc.) haviam sido

úteis, ou, ao contrário, se seriam de importância muito menor do que se supunha. Verificada esta última alternativa, o trabalho efetuado não quedaria invalidado; pelo contrário, serviria para corrigir as idéias feitas de que determinados fatores são atuantes em todas as camadas sociais. Um resultado negativo faria ressaltar o que havia sido indevidamente superestimado, e encaminharia a atenção dos pesquisadores para outros fatores que haviam sido negligenciados quando na verdade eram atuantes. Toda pesquisa bem feita, isto é, que tenha sido acompanhada pela reflexão crítica em todos os seus passos, contribui sempre para a expansão do conhecimento, seja pela descoberta, seja pela correção de falhas e erros.

#### OBRAS CITADAS

- Basile, Roger, "Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida." *Sociologia*, vol. XV, nº 1, São Paulo, março de 1953.
- Bosi, Estela, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo, T. A. Quetroz, 1979.
- Durkheim, Émile, *As regras do método sociológico*. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 3ª ed., 1963.
- Moreira, Renato Jardim, "A história de vida na pesquisa sociológica." *Sociologia*, vol. XV, nº 1, São Paulo, março de 1953.
- Lewis, Oscar, *Os filhos de Sanchez*. Lisboa, Moraes Ed., 1970.
- Perira de Quetroz, Maria Isaura, "Histórias de vida e depoimentos pessoais." *Sociologia*, vol. XV, nº 1, São Paulo, março de 1953.

## VI — Técnica de gravador e registro da informação viva

As técnicas de registro em ciências sociais tiveram considerável avanço neste século, por várias razões, entre as quais o aparecimento de uma multiplicidade de invenções mecânicas, tais como a fotografia, o cinema, o gravador (continuador do fonógrafo), a televisão, com o videocassete, que permitem um contacto muito estreito do pesquisador com o material, ou com os informantes, sem passar pelo intermédio de muitas vezes incômodo que é a escrita. No entanto, a reflexão a respeito de sua utilização, que efetue um balanço das vantagens e perigos, praticamente não foi realizada ainda. Apesar disso, seu emprego e armazenamento dos dados resultantes fez surgir novas instituições como as "cinematecas", os "museus da imagem e do som", os "arquivos orais", que encerram ora o material registrado por vários daqueles novos mecanismos, ora o material colhido por um deles apenas. As técnicas que lidam com o relato oral foram as que mais atraíram a reflexão de especialista, havendo já alguns estudos sobre elas; as que dizem respeito ao registro da imagem não foram ainda trabalhadas praticamente, embora o documentário fotográfico figure como a mais antiga das técnicas a que estamos nos referindo, e o documentário cinematográfico tenha conhecido sempre grande voga.

Uma das conseqüências interessantes que teve nas ciências sociais a utilização de tais técnicas — notadamente a da gravação em fitas — foi o relevo adquirido pelas histórias de vida e depoimentos pessoais, isto é, pelas investigações ligadas à memória individual, compondo o que na França está sendo chamado de "arquivos orais", e que tem recebido também noutros países o nome de "informação viva". Seu emprego chamou a atenção dos pesquisadores quando da publicação dos célebres estudos de Oscar Lewis sobre a família Sanchez; porém ficaram mais ou menos esquecidas as "histórias de vida", para despoitarem agora com renovado interesse, devendo-se salientar entre nós o livro pioneiro e modelar de Ecléa Bosi, *Memória e sociedade: lembranças de velhos*.

Preenchimento de questionários os mais diversos; entrevistas dadas ao pesquisador e por isso mesmo forçosamente limitadas, na quantidade e qualidade dos dados; documentos escritos, — tinham constituído até há pouco tempo as técnicas preferenciais de registro

de dados em ciências sociais, e prosseguem ainda hoje como as mais importantes. Os questionários, principalmente, tomaram um relevo sem par, não somente depois da invenção dos computadores, porém desde os tempos pioneiros de Le Play; compostos de indagações diretas, limitavam as respostas ao que parecia essencial, definiam com aparente precisão a coleta a ser efetuada, e já indicavam o roteiro para a confecção de relatórios.

Além dos dados apanhados por essas formas de registro, utilizam os pesquisadores de ciências sociais toda espécie de documentos escritos; assim, além de abarcar vasta parte da realidade presente, avançam pelo passado afora, tentando conhecê-lo através de incursões pelas mais diferentes fontes. Todavia, estes repertórios escritos de dados não provêm da coleta de um pesquisador que diretamente lidasse com eles; foram obtidos por razões que muitas vezes nada tinham a ver com suas preocupações específicas. Tais são os recenseamentos efetuados com os mais diversos objetivos; os registros de cartórios ou os registros paroquiais; os arquivos da mais variada espécie, inclusive os de polícia. Resultantes de objetivos pragmáticos e imediatos, vão servir, num período recuado ou não do tempo, como material para o estudo de especialistas, — historiadores, antropólogos, sociólogos. Somente uma parte da documentação em ciências sociais, representada pelo resultado de aplicação de questionários, ou realização de entrevistas dirigidas, tem sua obtenção direta e efetivamente orientada pelos pesquisadores, visando o esclarecimento de um problema preciso. Quanto mais antigo o documento, menos corresponde, na finalidade que norteou sua composição, aos objetivos diretamente perseguidos pelo pesquisador que o analisa.

Já a técnica de histórias de vida e depoimentos pessoais que utiliza o gravador, não abarca um domínio muito extenso no tempo; circunscribe-se ao espaço da investigação representado unicamente pelo presente e pelo passado imediato, isto é, pelo período que possa ser armazenado na memória dos indivíduos, dependendo da conservação das faculdades intelectuais pelos mais velhos. Porém seu emprego, no que diz respeito ao tempo presente, constitui uma abertura às investigações de todos os grupos e camadas sociais pouco atingidas pelos registros escritos, como os grupos indígenas, o campesinato, as camadas inferiores urbanas. Não esquecer também que, mesmo as camadas sociais que manuseiam com frequência a escrita, encerram na memória conhecimentos e lembranças que se perdem no lufo-lufa cotidiano, e que, uma vez gravados, enriquecem o acervo de documentos do presente.

A grande diferença entre o registro da informação viva e o registro através da escrita, que realça a observação que acaba de ser feita, está em que a informação viva provém diretamente do informante

e de suas motivações específicas. Ao contrário, o questionário (para apresentar um exemplo), ou a entrevista com roteiro, têm origem nas preocupações do pesquisador, isto é, são impostos ao informante como algo exterior a ele, tendo ele de se conformar com um ritmo de perguntas que não é o seu, com perguntas orientadas por motivações que não são as suas. Quando, no âmbito da coleta de uma história de vida, o informante conta um caso em determinado momento, é porque este caso tem para ele então um significado específico, que aparentemente pode não se ligar ao momento narrado, nem aos objetivos do pesquisador, porém não pode ser por este desprezado porque "faz sentido" com o restante do relato, numa ligação que precisa ser desvendada e que pode levar a tudo quanto estava subjacente à narração.

Verifica-se assim a riqueza de dados que esta técnica permite alcançar, uma vez que, além de colher aquilo que se encontra explícito no discurso do informante, ela abre portas para o implícito, seja este o subjetivo, o inconsciente coletivo ou o arquetípico. Em qualquer desses casos, são novos rumos que a investigação pode tomar, mas que se vinculam estreitamente com as próprias condições em que devem ser efetuados os registros, isto é, com as exigências de uma boa aplicação.

A primeira exigência é a de diminuição ao máximo de toda interferência por parte do pesquisador. Este detém uma intervenção preliminar de que não se pode fugir: a escolha tanto do tema do seu trabalho quanto do informante. As decisões de base são, portanto, suas, e em função delas assume a direção efetiva da aplicação da técnica — o que mostra quão ilusório é supor que existam técnicas não dirigidas e seleções de informantes feitas inteiramente ao acaso. A escolha do informante provém de duas orientações, uma decorrente do tema em pauta, a outra decorrente de se saber que determinado indivíduo possui conhecimentos importantes a respeito do tema. Porém, no caso das histórias de vida e depoimentos pessoais gravados, aí deve se deter a intervenção do pesquisador. Embora esta intervenção seja limitada, ela existe; por isso toda gravação, por mais livre e espontânea, deve ser considerada semidirigida, mesmo quando adota a "técnica da liberdade".

A qualidade do material obtido depende da qualidade do informante escolhido, em função do que se pretende desvendar. Esta circunstância postula a existência de um conhecimento prévio do informante, por parte do pesquisador: quanto mais conhecido aquele, mais seguro estará o pesquisador de que obterá um relato interessante e apropriado ao que está buscando; quanto menos conhecido, maior o peso do acaso ou da contingência, isto é, da possibilidade tanto de se obter quanto de não se obter as informações requeridas. De qualquer forma, por mais conhecido que seja o informante, não pode o pesquisador

prever com segurança que rumo tomará o relato — rumo que depende do informante, de sua vivência específica, de sua capacidade de relatar, mas também de uma infinidade de circunstâncias momentâneas, que também pesam na qualidade da narração.

Na utilização da "técnica da liberdade", uma vez ultrapassada a escolha do tema e a escolha do informante, durante o decorrer das gravações este último passa a ter certa autonomia em relação ao pesquisador, no que diz respeito à abordagem do tema e ao fornecimento de informações; ele mesmo governa a escolha do que vai dizer, o seu ritmo, a ordenação dos assuntos, com o mínimo possível de influência exterior visível sobre o que diz e o que faz saber. E é nesta autonomia do informante que reside o ilimitado potencial do que pode fornecer. Qualquer informação se torna, então proveitosa, podendo abrir horizontes que o pesquisador não suspeitara. O campo de coleta se apresenta, assim, infinito; uma revelação do entrevistado pode fazer derivar a entrevista para direções imprevistas e imprevisíveis, num questionamento que ao mesmo tempo se alarga e se estrutura a partir do seu próprio desenrolar, dando-lhe o caráter de uma "pesquisa progressiva".

A segunda exigência para o bom rendimento da técnica de histórias de vida e depoimentos gravados diz respeito às relações que se estabelecem entre o informante e o pesquisador. Que não exista entre ambos determinado grau de confiança, e as respostas irão se limitando somente ao que o entrevistado considera suficiente, não permitindo que o pesquisador penetre muito a fundo em sua vivência. Um relacionamento impregnado de simpatia e amizade constitui condição importante para uma boa coleta de dados. No entanto, reside aqui também uma dificuldade que nem sempre tem sido levada em conta, quando se trata de pessoas de idade. Os velhos constituem uma parcela desvalorizada dos membros em sociedades como a nossa, a qual repousa numa base econômica de que a produtividade é o critério fundamental: inaptos a produzir, nada mais se espera deles (ao contrário das crianças pequenas que, também inaptas para a produção, constituem no entanto uma certeza de produção futura); tal desvalorização se expressa de mil maneiras, uma das quais é a falta de interesse que os rodeia. Que alguém se disponha a ouvir-lhes as histórias, e ei-los se sentindo realizados, por um lado, e, por outro, compelidos a "fazer durar" a relação gratificante. Esta é uma dificuldade já apontada para cuja solução não existem receitas; o pesquisador a encontrará disfarçada sob os aspectos mais diversos, dependendo de seu tacto, de sua amabilidade, de seu sentimento de humanidade a forma pela qual conseguirá resolvê-la.

A própria autonomia do informante, que deve ser salvaguardada ao efetuar seu relato, pode resultar numa enorme dispersão de anedotas,

num acúmulo de detalhes repetitivos, num aglomerado de problemas incoerentes e sem ligação entre si, que se revelam praticamente inúteis para as finalidades do pesquisador. O que mostra a necessidade da "presença" deste, a fim de que discretamente reencaminhe o informante para o rumo que se revelou mais interessante. Esta presença será na maioria das vezes uma presença física; porém ela pode consistir num pequeno conjunto de questões, nos casos em que o informante não tiver a necessária capacidade para efetuar sozinho o seu depoimento — casos, no entanto, que são raros.

A técnica de histórias de vida e depoimentos pessoais gravados fica limitada no tempo, porque existe um informante cuja memória, embora recuando bastante, não é infinita; e limitada em sua aplicação porque, por mais apagado que se conserve o pesquisador, ele está presente e exerce sempre uma espécie de censura, no seu desejo de obter uma coleta dos dados precisos. Nunca é demais lembrar que estas limitações, que podem parecer muito estreitas, são amplamente compensadas por ser esta uma técnica que desvenda questões inesperadas, e que permite conhecer por assim dizer do interior toda uma realidade social, a partir da experiência vivida de indivíduos cuja maneira de ver e de sentir pode estar muito longe da do pesquisador. Desta forma, através desta técnica, pode-se também corrigir a própria visão do pesquisador em relação ao problema que se propôs esclarecer.

Porque esta visão padece sempre de várias distorções. Em primeiro lugar, toda proposição de uma pesquisa se efetua dentro de um universo muito restrito, — o universo do pesquisador, seja este um historiador, um sociólogo, um antropólogo, um cientista social enfim, — a partir de seus conhecimentos, de seus raciocínios e da sua visão do mundo. Problema que não é específico do cientista social, aliás, mas que existe de modo geral para todo e qualquer cientista. Um dos componentes de seu raciocínio consiste em considerar implicitamente que a sua é a forma "certa" de raciocinar, que a sua é a visão do mundo "válida", devendo por isso ser imposta e aceita pelos leigos. Todo cientista tende, assim, a se considerar "o" detentor da verdade.

Em segundo lugar, todo cientista, qualquer que seja sua procedência política, ocupa uma posição de dominação e de prestígio no interior de uma sociedade como a nossa, que lhe outorga certo grau de autoridade em relação aos não-cientistas. Pode-se dizer que todo cientista, mesmo quando em oposição ao governo, está sempre em posição de dominação que lhe permite de certo modo contrapor-se aos projetos e realizações situacionistas, e até mesmo ser obstáculo a eles — o que demonstra alguma autonomia e alguma possibilidade de mando.

Finalmente, todo cientista, seja qual for sua origem sócio-econômica, por isso mesmo que detém uma soma de prestígio e de poder expressa em seus diplomas, passa a fazer parte das camadas sociais

dominantes, caracterizando-se como porta-voz, voluntário ou involuntário, consciente ou inconsciente, dos poderes econômicos e políticos vigentes. Nas ciências sociais, especialmente, dadas as características destas, seus trabalhos são orientados para dirigir os demais indivíduos segundo rumos pré-traçados, seja pelos próprios cientistas sociais, seja pelos poderes públicos, seja pela oposição — em geral, sem levar em consideração as maneiras de pensar e as opiniões daqueles que são assim conduzidos, e fazendo-os até abandonar a estas. Perdem, assim, de vista os próprios anseios dos setores de população pelos quais julgam trabalhar. Noutras palavras, agem sempre como veículos da ideologia e dos projetos das camadas dominantes, porém mascarados pela “neutralidade” aparente de sua posição, assim como pela sua “competência” de cientistas.

Desta forma, toda pesquisa é uma consequência da posição específica do cientista numa sociedade, e se torna um prolongamento das ações dos mesmos — o que é especialmente visível nas ciências sociais. Estas mazelas, que permeiam toda investigação científica, tornam-se flagrantíssimas quando o cientista social utiliza a técnica de questionários fechados. Neste caso, não propõe apenas o tema e escolhe o informante; este fica preso numa rede miúda de questões previamente definidas e discutidas em suas mínimas particularidades. A informação é também solicitada de maneira a não permitir que o informante ultrapasse o espaço pré-estabelecido para sua resposta; ele não intervm, portanto, na condução de suas próprias respostas, é totalmente orientado pelas pela visão do pesquisador.

Em contraposição, as histórias de vida e os depoimentos pessoais que compõem a informação viva, durante as quais a intervenção do pesquisador deve se reduzir ao mínimo, asseguram ao informante fazer sua própria linguagem e abordar seus próprios problemas. É, pois, através de uma análise cuidadosa deste material que o pesquisador pode se desvencilhar o mais possível de seus próprios vieses, oriundos de sua posição de superioridade enquanto cientista e enquanto membro das camadas dominantes, e assim tentar apagar a constante censura, consciente e inconsciente, que as camadas superiores impõem a tudo quanto se oponha à consecução de seus fins, censura que em geral se inscreve fortemente na documentação escrita.

Histórias de vida e depoimentos pessoais, quando cuidadosamente realizados, possibilitam conhecer um grupo e uma sociedade de seu interior — em oposição às demais técnicas que projetam sobre ambos esquemas formulados exteriormente, aplicando-lhes categorias definidas muitas vezes a partir de teorias que não lhes dizem respeito. As revelações dos informantes mostram como se relacionam entre si, como se formam e se inter-relacionam as camadas, como se exprime a dominação de grupos e camadas, e finalmente como tudo isto com-

põe a sociedade global, fazendo ressaltar conflitos que podem ser agitar sub-repticiamente e por isso quedar ignorados. A categorização utilizada decorre das revelações dos próprios informantes, as distribuições hierárquicas e os princípios que as regem são desvendados por eles, a lógica da construção e do funcionamento interno da sociedade e do grupo a que pertencem vem à tona. É possível então uma comparação destas configurações, que conservam as complexidades do real, com as teorias existentes, de tal modo que a reflexão teórica possa progredir a partir do confronto com uma vigorosa informação empírica.

A enumeração de tantas virtudes poderia fazer pensar que a técnica de histórias de vida e depoimentos pessoais deveria ser aplicada de forma preferencial, quicá única, porque levaria a uma coleta mais próxima do real. Não se exagerem os seus méritos, não se desconhecem as suas limitações, algumas das quais já foram aqui enumeradas. Suas maiores qualidades, quando empregadas dentro das limitações de tempo e da não-intervenção do pesquisador, são: a descoberta de novas factas do real; a crítica aos dados já colhidos por outras técnicas; a auto-crítica do pesquisador, diante das revelações do discurso do informante. Seja como for, para qualquer trabalho que ultrapasse o levantamento de problemas e apresentação de dados, sua associação com outras formas de coleta se torna imprescindível.

Quando se acredita estar desvendando, por meio de histórias de vida e dos depoimentos pessoais, novas facetas do real, este conhecimento inesperado da realidade necessita também ser verificado e complementado pela aplicação de outras técnicas. Ao se tratar de dados já existentes, a submissão dos mesmos a uma verificação através do registro de histórias de vida e depoimentos pessoais também é de grande utilidade. Num e outro caso, está sendo seguido o preceito mais salutar das pesquisas em ciências sociais, que é o de assentar sobre o tema pesquisado o foco convergente de técnicas variadas, por um lado, e por outro lado analisá-lo segundo diferentes eixos teóricos. Através destes entrecruzamentos de análises, busca-se tanto criticar a validade da informação viva quanto dar-lhe maior precisão, complementando-a. No mesmo sentido se efetua a crítica das teorias e a auto-crítica do pesquisador.

O único modo de evitar que, numa sociedade como a nossa, as ciências sociais se tornem o intérprete por assim dizer único da visão do mundo das camadas dominantes e do grupo dos cientistas, seria conseguir que os próprios interessados, isto é, os integrantes dos grupos ou das camadas dominadas, noutras palavras, os “sem-voz”, pudessem eles mesmos orientar ou efetuar os estudos necessários à reformulação do ambiente sócio-econômico, político e ecológico em que vivem. No entanto, a necessidade de uma formação específica para a realização dessas pesquisas dá a esta aspiração um caráter de utopia; as ten-

tativas nesse sentido, efetuadas muitas vezes no âmbito da "educação permanente", — tal como a define, por exemplo, na França, Henri Desroche, que se vem dedicando ao estudo desse problema (Desroche, 1971, 1973), — se encontram ainda na fase de tentativas quase de ensaio e erro. É preciso, pois, que os pesquisadores se liberem das marcas da dominação para com os informantes, buscando estabelecer entre ambos novas relações que não sejam de superior para inferior, novas relações que não nasçam já configuradas num esquema de poder. Só assim se pode esperar que os resultados das pesquisas possam reverter diretamente aos pesquisados, em lugar de servirem para reforçar sua subordinação aos grupos dominantes. A técnica de histórias de vida e depoimentos pessoais parece dar uma certa abertura nesse sentido, levando pelo menos à formulação de uma esperança...

OBRAS CITADAS

- Desroche, Henri, *Apprentissage en Sciences Sociales et Éducation Permanente*. Paris, Les Éditions Ouvrières, 1971.  
 Desroche, Henri, *Apprentissage 2: Éducation Permanente et Créativités Solidaires*. Paris, Les Éditions Ouvrières, 1978.

O primeiro problema prático com que se defrontam os pesquisadores é o problema já referido da qualidade dos informantes escolhidos; quando se trata de gente de suas relações imediatas, raramente há surpresas, pois foram distinguidos aqueles que realmente têm muito o que relatar sobre o período escolhido; no entanto, quando são indicados por outrem, o resultado pode ser decepcionante, ou pela falta de informações, ou pela brevidade da narrativa, ou ainda pelas inúmeras divagações do informante, saindo do período que se desejaria esclarecer. Como, no caso analisado, houve informantes que não pertenciam ao círculo de relações das pesquisadoras, este último problema se colocou, isto é o de entrevistas consideradas insatisfatórias: deveriam estes informantes ser abandonados, buscando-se outros mais adequados? Das discussões havidas, chegou-se à deliberação de mantê-los; é que a própria maneira de ser, falha, breve, ou derramada, também tinha significados que era possível esclarecer, ou pelo menos registrar.

O segundo problema prático foi o do encerramento da entrevista ao redor das duas horas, que se havia convencionalmente ser o seu tempo de duração. Pareceu boa praxe deixar que o próprio entrevistado colocasse um fim ao seu depoimento, e assim foi feito, sempre que possível. No entanto, havia interlocutores que, enleados, não conseguiam formular o ponto final. Outros, ao contrário, em seu entusiasmo por encontrar um ouvinte atento, se derramavam em relatos cada vez mais detalhados ou repetitivos, sem reparar no cansaço da pesquisadora... Não havia regras a seguir para contornar uma ou outra situação; cabia à pesquisadora solucioná-las com o tato necessário.

O terceiro problema prático foi evidenciado quando, efetuadas algumas entrevistas, se verificou que numa apareciam informes, fatos, ocorrências, que não haviam aparecido noutras. Estas discrepâncias as invalidariam? Seria necessário retornar aos informantes e tentar verificar se estas circunstâncias não teriam realmente existido em suas vidas, ou se elas teriam sido omitidas, e por quê? Ao se discutir esta alternativa, ficou evidente que, adotada a solução de pedir uma resposta, se estaria traindo o princípio do "monólogo", que havia sido conscientemente adotado como a técnica mais apropriada para os depoimentos pessoais.

Nota: No decorrer de algumas entrevistas, houve a participação inevitável de mais uma ou duas pessoas da família ou amigos; suas intervenções deturpam o monólogo e corroboram as observações efetuadas: 1) quebraram o ritmo do informante; 2) entrelaçaram às vezes uma segunda história de vida à primeira, com evidente confusão delas; 3) pouco enriqueceram do que estava sendo dito. Recomenda-se, pois, que o informante esteja sozinho com o pesquisador.

Se a atitude adorada pelas pesquisadoras fora a de deixar livre cam-  
po aos informantes em seus depoimentos, não havia porque modificá-  
la em função de informações disparas dadas. Seria necessário, isso sim,  
no momento da análise, verificar "quem" havia dito "o quê", para  
tentar averiguar por que apareceriam certos aspectos em alguns depoi-  
mentos e em outros não. A omissão de fatos, de ocorrências, de deta-  
lhes pode ser tão significativa quanto sua inclusão nos depoimentos;  
nesse caso, o importante não era verificar se o entrevistado conhecia  
ou não tal ou qual fato, mas sim buscar saber por que razão ele o ha-  
via esquecido, ou o havia ocultado, ou simplesmente dele não tivera  
conhecimento. Justamente porque se está lidando com uma camada  
social que não é indiferenciada em seu interior, obviamente haverá di-  
vergências nos relatos.

Reforçou-se, assim, a opinião das pesquisadoras de que, ao co-  
lher histórias de vida e depoimentos pessoais, deveria ser preservada  
ao máximo a espontaneidade do relato; por espontaneidade entende-  
se o que é feito por seu próprio impulso, em decorrência de um primei-  
ro movimento, sem provocação acusada ou influência alheia. Tentar  
preservar esta qualidade significa acreditar que, com ela, a qualidade  
das informações melhora de nível e de adequação ao real: o indivíduo  
não teria tempo para disfarçar ou mascarar deliberadamente sua opi-  
nião ou sua informação. É verdade que a simples presença do pesqui-  
sador é uma influência, e mais ainda suas indagações, pois estas po-  
dem orientar o depoimento num sentido que não teria tomado, se o  
entrevistado fosse deixado livre. Fora por esta razão que se optara pe-  
la "técnica da liberdade".

Repeti-se, na coleta de histórias de vida e depoimentos pessoais,  
o monólogo do informante deve ser preservado, pois é ele o "dono" de  
suas recordações, que devem ser colhidas segundo o seu próprio rít-  
mo e orientação. No caso em que se procura, ao contrário, esclarecer  
dados precisos e objetivos, acontecimentos, circunstâncias, bem defi-  
nidas, e em que a técnica não pode mais ser o monólogo, e sim o diálo-  
go (mesmo quando neste se busca minorar a influência do pesquisa-  
dor), então a descoberta, numa das entrevistas, de algo que não surti-  
ra nas demais, exigiria a retomada do encontro com os demais infor-  
mantes, para esclarecer: 1) se o informante conhecia aquele dado; 2)  
no caso afirmativo, por que o havia esquecido ou omitido; 3) no caso  
negativo, por que o desconhecia.

O próprio envolvimento entrevistador-entrevistado pode muitas  
vezes ser responsável por essas omissões, conscientes e inconscientes.  
No caso de entrevististas com pessoas de idade, por exemplo, a diferença  
de gerações pode ocasionar esquecimentos e lacunas de determinados  
fatos, ou, ao contrário, ênfase e exagero de determinados pontos, ora  
por julgar o velho informante que os jovens não o compreenderiam,

ora para não parecer ridículo, ora por desejar mostrar com detalhes  
minuciosos, quando boa é sua memória, ou quando melhor era o seu tem-  
po. Tais dificuldades já haviam sido notadas no caso de mulheres en-  
trevistadas por homens, ou vice-versa. Estas atitudes variam de indivi-  
duo para indivíduo, e podem ser responsabilizadas pelas discrepâncias  
entre as entrevistas; ou mesmo, sem variar o informante, de um dia  
de entrevista para outro. Habituais, então, em todos os resultados da  
técnica de entrevista, devem ser resolvidas previamente a cada pesqui-  
sa, com a adoção de um comportamento uniforme por parte de todos  
os pesquisadores engajados.

Não esquecer também que, sempre, o pesquisador se encontra em  
posição de superioridade para com o informante, pela própria defini-  
ção das relações de pesquisa: o pesquisador é quem "sabe e determina  
o que deseja", e o informante está sempre na situação de quem procu-  
ra descobrir "como agir melhor" para responder condignamente à de-  
manda. Desta forma, paradoxalmente, também o entrevistado se en-  
contra diante de uma incógnita, durante as conversas, procurando um  
meio de se safar o melhor possível de uma situação incômoda, seja pe-  
la recusa pura e simples de responder, seja pelo exagero; em situação  
de inferioridade, é necessário que consiga ultrapassar o constrangimen-  
to, que adquira confiança para, então, chegar a uma narração espor-  
tânea. Por isso o conhecimento prévio entre ambos e a simpatia se tor-  
nam importantes.

Além destas diferenças, existem também as imagens estereotipa-  
das correntes na sociedade global, que influenciam o estabelecimento  
das relações entre informante e pesquisador. Se o informante é idoso,  
está se defrontando com um jovem, ou uma jovem pesquisadora, tem  
em mente a imagem estereotipada dos jovens de sua sociedade, que  
imediatamente aplica àquele que tem diante de si; da mesma forma se  
se trata de um homem entrevistado por uma mulher; ou um estrangei-  
ro inquirido por um nacional, etc. — sendo que também o pesqui-  
sador tem as imagens correntes em sua sociedade, a respeito de seu in-  
formante. Há, pois, expectativas de comportamento de uma parte e  
de outra, pois todos têm imagens estereotipadas a respeito uns dos ou-  
tros, e os relatos obtidos estão sempre influenciados por elas. Noutras  
palavras, a autocensura, a autopromoção, ou ambas, estão sempre pre-  
sentes no relacionamento, a coleta de histórias de vida e depoimentos  
pessoais encontra forçosamente esta limitação e esta fonte de desvios.

É claro que a maneira de agir do pesquisador poderá diminuir ou,  
ao contrário, realçar estas limitações. Porém, estabelecido um clima  
de confiança, a atitude defensiva será provavelmente muito menos im-  
portante, a "se-mostração" e o desejo de impressionar ficarão mino-  
rados. A escolha de informantes entre as pessoas da família pode tam-  
bém ser um corretivo de vulto para estes males, a confiança reciproca

já estaria de antemão estabelecida. Porém, se aparentemente haveria esta vantagem, não esquecer que existem problemas de família delicados que não se querará desvendar, ou então imagens desfavorecidas que se querará melhorar, ocorrendo também as autocensuras ou as autopromoções.

Finalmente, uma outra característica desta técnica não pode ser deixada de lado: na medida em que relações confiantes, simpáticas e amistosas se instalam entre o pesquisador e o entrevistado, todo um envolvimento afetivo se opera, que freqüentemente desperta problemas. Não se trata mais, por parte do entrevistado, de selecionar histórias que serão narradas e outras que serão omitidas; trata-se agora da satisfação de contar histórias a um interlocutor que está interessado por elas, e do desejo de manter um relacionamento cuja possibilidade e tempo de vigência foram determinados pela pesquisa, e que estaria por isso mesmo fadado a desaparecer quando terminada a coleta de dados. Esta circunstância é muito menor ou praticamente inexistente nas entrevistas por diálogos, ou então na técnica de questionários, porém ela existe sempre, e conforme os casos pode ser uma fonte de angústia, quando se trata de histórias de vida e depoimentos pessoais, principalmente quando as relações se dão entre pesquisador e informantes pertencentes a grupos marginalizados ou carentes.

É o caso, por exemplo, como já se disse, das entrevistas com pessoas idosas. Nunca é demais lembrar que o velho, na sociedade ocidental, é via de regra um marginalizado, principalmente nas grandes metrópoles. No contato com o pesquisador, sua boa vontade pode resultar do entusiasmo por saber que alguém está desejoso de conhecer o muito que sua experiência armazenou. Porém, em entrevistas subsequentes, tanto pode haver como que um esgotamento da fonte, ou uma clara rejeição, quanto também pode haver um exagero de lembranças, um luxo de detalhes, no afã de reter junto de si um ouvinte atento. Como se desvencilhar sem suscitar mágoas? As receitas não existem; cada caso é "único", cabendo ao pesquisador encontrar a melhor solução.

Esta situação, muito visível no caso de velhos, é na verdade habitual em toda coleta de histórias de vida e depoimentos pessoais: a pesquisa banal se transforma num "personagem", isto é, em alguém notável, importante, numa figura dramática (no sentido de interessante e comovente), o que a engrandece a seus próprios olhos. Ela deseja então justificar diante do pesquisador a imagem que ele devia possuir, uma vez que a escolheu para a entrevista; ou então, tendo o sentimento de que não corresponde ao que se espera, efetua a rejeição, no momento do convite ou logo depois da primeira entrevista. Estes percalços da utilização das histórias de vida e depoimentos pessoais podem terminar num profundo sentimento de frustração entre informantes e pesquisadores; os informantes, insatisfeitos com os pesquisadores por-

que o relacionamento termina; os pesquisadores, insatisfeitos consigo mesmos porque despertaram simpatias e expectativas que sua função estabelece serem breves.

Uma palavra ainda sobre a transformação da "pessoa banal" em "personagem" e sua influência sobre a informação. Uma certa deformação dos fatos resulta sem dúvida alguma desta circunstância, por mais sincero e verídico que seja o narrador. Mesmo que este procure não realçar sua própria participação nos eventos, ou por não ter consciência clara do que efetivamente realizou, ou por um desejo de não parecer enfatuado e presunçoso, sua maneira de contar, a atenção que chama para este episódio e não para aquele outro, os detalhes recordados, a maneira de apresentar o conteúdo, são deformações que vão produzindo e que podem chegar a alterações substanciais. Porém, este aspecto, que será abordado mais adiante neste trabalho, liga-se ao problema da "busca da verdade" sobre determinados acontecimentos, o que não constitui propriamente o objetivo das pesquisas por meio de histórias de vida e depoimentos pessoais. Em linhas gerais, o cotidiano está sempre presente nas narrativas; a brevidade ou o exagero dos relatos, além de permitir o seu conhecimento, levam diretamente ao colapso do pensamento, dos universos de pensamento, que também são objeto da pesquisa. Para a verdade histórica dos fatos, é necessária a aferição dos documentos vivos com outras fontes de dados — necessária e indispensável; os relatos pessoais, por sua vez, esclarecem essencialmente as mentalidades.

Uma vez terminado o registro das histórias de vida e dos depoimentos pessoais, a fase seguinte da pesquisa é a transposição das narrativas, que das fitas passam para a dactilografia. Esta primeira transformação do material tem dupla finalidade: a) permitir um manuseio mais fácil de todo ele, nas consultas, pois torna-o, então, independente da intermediação de uma máquina — o gravador — e dependente tão-somente da reprodução de um texto; b) permitir uma conservação mais longa e mais eficiente do documento, dada a fragilidade das fitas, que exige condições específicas e dispendiosas de armazenamento. Esta etapa do trabalho tanto pode ser efetuada pelos próprios pesquisadores que se desincumbiram da coleta de entrevistas quanto por outros pesquisadores que não o fizeram, ou mesmo também por profissionais, pois atualmente está aparecendo uma categoria ocupacional diretamente ligada à transcrição de fitas gravadas.

Qual o termo mais adequado para expressar esta tarefa: transcrição ou tradução? O sentido habitual de "tradução" é o de reprodução de um texto, oral ou escrito, de um idioma para outro; como todo idioma é "único", em seu sistema simbólico e em sua estrutura interna, uma tradução bem feita exige que sejam efetuadas todas as nuances impostas pelas diferenças, e não apenas uma substituição de termos de

um idioma pelos termos correspondentes da outra língua. A tradução se preocupa, portanto, com o sentido último dos pensamentos expressos, mas também com sua apresentação na forma que melhor lhe possa convir na nova linguagem, procurando-se pouco à reprodução literal e abandonando os caracteres específicos da linguagem de origem em que foi composto o texto, que substitui pelos caracteres específicos da nova linguagem para a qual o texto está sendo verificado.

Por "transcrição" se entende, por sua vez, a reprodução, num segundo exemplar, de um documento, em plena e total conformidade com sua primeira forma, em total identidade, sem nada que o modifique; é aplicado tanto a documentos escritos como a documentos orais. E mais ainda, o termo encerra também, como significado intrínseco, a noção de que tal reprodução é efetuada com o fim específico da conservação dos mesmos em local onde fiquem bem preservados, porém onde possam também ser facilmente atingidos por quem deseje consultá-los. Distingue-se de "cópia", que significa reprodução idêntica, porém com a finalidade explícita da multiplicação e da divulgação — finalidades que não contém o termo "transcrição". Portanto é este realmente o conceito que se aplica à fase em que, da fita gravada, se obtém um documento escrito.

A definição de transcrição indica já como preferencial a execução da tarefa pelo próprio pesquisador que realizou a coleta da história de vida ou do depoimento pessoal; pois ele, em princípio, é que está apto a realizar o trabalho de maneira que a escrita reproduza, o mais fielmente possível, a gravação. Na sua falta, um outro pesquisador poderia substituí-lo, e somente em último caso esta seria entregue a um mero profissional de transcrição. A utilização do profissional tem o inconveniente de não estar ele diretamente interessado pelo conteúdo da fita, e sim pelo salário a receber por motivo da transcrição, pois é pago por tarefa executada; sendo esta enfadonha e lenta, a tentativa é grande de suprimir o que for considerado muito repetitivo ou inútil, a fim de abreviar o trabalho e terminá-lo mais depressa.

Aquele que transcreve fitas gravadas como seu ganha-pão, ou como parte de seu ganha-pão, perde completamente de vista que o material com que lida pertence à experiência ativa de um informante, de um indivíduo concreto, específico; sua relação com a fita é exclusivamente profissional e econômica. A fita gravada deixa de ser, para ele, o relato de experiência de vida de um ser consciente, ativo, feito de carne e de sangue; todo valor humano é dela abstraido, restando apenas o valor de troca que ela representa, isto é, somente seu valor como mercadoria. Por isso o profissional não leva em consideração a necessidade de conservar o relevo e o sentido que o informante tentou imprimir à narrativa, e, mesmo consciencioso, é levado a tratá-la simplesmente como algo que, terminado no mais curto prazo possível, representa um salário.

Por sua vez, o pesquisador que não efetuou as entrevistas mas foi encarregado da transcrição, sabe que tem diante de si algo de muito significativo; porém, sua falta de experiência efetiva com o informante impede-o de conhecer toda a riqueza, todas as implicações constantes do relato que está transcrevendo. Sua falta de conhecimento do informante e das condições da entrevista constituem barreiras para que se dê conta de tudo quanto é necessário conservar — por assim dizer, até mesmo os suspiros... — para guardar o contexto em seus mínimos detalhes. Conscientiosamente procurará reproduzir tudo quanto contém a fita gravada, mas não poderá ir além do que escuta, e até mesmo poderá não registrar tudo integralmente, inconsciente do valor dos silêncios e da mudança de tonalidade da voz; e isso se dá porque não tem a possibilidade de recriar na memória a experiência constituída pela entrevista.

Noutras palavras, sua apreensão da entrevista se opera a partir de seus próprios conhecimentos, de sua própria vivência. Mesmo que tente levar em consideração as atitudes, as reações e posicionamentos do informante em relação aos valores que a narrativa revela, só as capta através do referencial constituído pelos seus sentimentos e pela sua experiência passada. Não houve entre ele e o entrevistado uma partilha de emoções que permite um conhecimento muito mais íntimo e do material, e do informante a quem se deve o material.

Desta maneira, o ideal, numa pesquisa, é que o próprio pesquisador que entrevistou o informante seja também o transcritor da fita. Ouvir e transcrever a entrevista constitui, para ele, um exercício de memória em que toda a cena é revivida: uma pausa do informante, uma tremura de voz, uma tonalidade diferente, uma risada, a utilização de determinada palavra em certo momento, reavivam a recordação do estado de espírito que então detecou em seu interlocutor, revelam aspectos da entrevista que não haviam sido lembrados quando efetuou o registro do dia no caderno de campo, ou mesmo dão a conhecer detalhes que, no momento da entrevista, lhe escaparam. Cada vez que re-escuta a gravação, refaz de certo modo o contexto todo da entrevista na lembrança para explorá-la mais a fundo. Assim, a transcrição feita pelo próprio pesquisador contraria uma "despersonalização" da entrevista, que existe com maior ou menor força nos dois casos anteriores e que, mais tarde, será sociologicamente necessária.

A transcrição efetuada pelo próprio pesquisador poderá, pois, enriquecer o documento e suas informações. Tudo o que recolhe então, a partir da fita gravada ou de sua memória, irá transcrito também, ou no próprio texto da entrevista, ou à parte, se se trata de um episódio muito longo. O texto, porém, devendo ser o mais fiel e próximo possível da gravação, é complementado de maneira que se perceba imediatamente que o complemento não estava diretamente nele, ou então

estava nele sob outra forma que não a da palavra falada; colocado entre parênteses, ilustra o texto sem quebrar sua unidade. É para evitar esta quebra de unidade, também, que os complementos longos devem ir para o caderno de campo, com a data da entrevista e da transcrição, evitando a interrupção da narrativa, que ocorreria se enxertado nela entre parênteses.

Transcrever significa, assim, uma nova experiência da pesquisa, um novo passo em que todo o processamento dela é retomado, com seus envoltórios e emoções, o que leva a aprofundar o significado de certos termos utilizados pelo informante, de certas passagens, de certas histórias que em determinado momento foram contadas, de certas mudanças na entonação da voz. Tudo isto é material que o pesquisador obteve, de cuja construção diretamente participou — pois no processo de que resultou foi ele parte, numa legítima ação de “observador participante”, com todos os riscos que esta posição comporta. É verdade que não partilhou estreitamente da vida cotidiana do informante, como quer a expressão “observador participante” usualmente empregada em antropologia; porém, se a expressão não pode ser aplicada em se tratando do sentido estrito, em sentido amplo houve uma participação íntima entre eles, uma associação simbólica e não objetiva que permitiu, pela instalação de laços de quase-identidade e de comunhão entre ambos, o desencadeamento frutífero do processo de recordar. Talvez este dom de partilhar que torne mais eficiente o trabalho do pesquisador nas ciências humanas, esta possibilidade de quase-identidade com o “outro”; dom que o revela como “o mais capaz” para efetuar os registros, apesar de todas as dificuldades que possa também trazer. E sem dúvida é esse relacionamento que estimula vigorosamente a memória do informante.

A transcrição efetuada pelo próprio pesquisador tem, também, o valor de uma primeira reflexão sua sobre a experiência de que participou, e que ele cria uma segunda vez ao escutar a fita. Porém, nesta segunda vez uma distância se estabeleceu entre ele e o informante, representada pela fita gravada — distância que constitui uma “colocação em situação”, que possibilita captar toda a experiência havida a partir, agora, do exterior, sem a acuidade dos envoltórios emocionais que o contexto vivo acarretava. E quantas vezes julgar necessário, poderá retomar a experiência para aprofundar suas observações. Ao efetuar a transcrição o pesquisador tem, então, a invejável posição de ser ao mesmo tempo interior e exterior à experiência.

A transcrição da entrevista feita pelo próprio pesquisador constitui, pois, uma tentativa de retardamento da transformação completa do documento oral, com sua vivacidade, colorido e calor humano, no documento escrito inerte, passivo, estático, que, além disso, reproduz somente em parte tudo quanto realmente ocorreu. No documento es-

crito, o fato social não aparece somente cristalizado, isto é, fixo e imóvel, mas também isolado de todo um conjunto de qualidades e circunstâncias para as quais não há registro escrito possível. Excisão, que significa a separação pouco volumosa de parte de um corpo, seria o termo que expressa o que acontece quando a transcrição é efetuada pelo próprio pesquisador que realizou a entrevista. Quando se trata de algum outro sem a experiência deste, o corte de partes da entrevista pode ser mais e mais importante, chegando à mutilação, que trunca e desumaniza, e por isso mesmo desvirtua o texto.

Este último caso é um caso extremo; um profissional dotado de consciência pode efetuar uma transcrição que, sem atingir os refinamentos do trabalho realizado pelo próprio pesquisador, pode ser considerado satisfatório. Tanto mais que se deve ter em mente que todo trabalho de pesquisa resulta sempre numa cristalização dos dados do real, no sentido de sua passagem, da vivacidade e do movimento para a fixidez e a passividade, e também numa redução, pois vários aspectos são sempre suprimidos a fim de se possibilitar seu registro. Nesta perspectiva, nada mais mutilador, sob certos aspectos, do que a técnica de questionário — mutilador no sentido do termo, que significa cortar fora uma parte ou várias partes importantes de um conjunto, de tal modo que este permaneça alterado e diferente do que era em sua forma anterior.

A fita gravada pode correr tal risco quando se trata de um transcritor bisonho, ou então quando a gravação, mal feita, obriga ao abandono de alguns ou de vários de seus trechos; o risco é maior quando se trata de um transcritor que não fez a entrevista, ou que nunca fez uma entrevista. Mesmo no caso de um perito, ela é sempre um empobrecimento em relação à totalidade da entrevista. Esta teve lugar em determinado ambiente, foi acompanhada de determinados gestos, teve um colorido emocional que a gravação não registra. O pesquisador pode descrevê-lo em palavras, no seu caderno de campo; porém, a vida estará dela ausente. Poder-se-ia argumentar que um documento audiovisual seria muito mais adequado para a fidelidade do registro, do que somente o documento oral. No entanto, o próprio documento audiovisual tem sua limitações e suas falhas. O vivido é irrecuperável em sua total vivacidade.

O que se quer, com estas reflexões, é chamar a atenção para o significado da técnica de gravador, em suas diferentes fases. A primeira é a do registro, durante a qual a fala do informante é captada com grande fidelidade, mas que já constitui um resorte do real, uma vez que a fita registra somente a fala, perdendo todos os demais detalhes que compõem o contexto total da entrevista. Um primeiro empobrecimento tem assim lugar. A segunda fase é a da passagem da fita gravada para o documento escrito, na qual, na verdade, se perde muito

menos do real do que na primeira passagem, mesmo quando esta é acompanhada de um copioso caderno de campo, porém na qual ainda se perde algo. O documento escrito, resultado destas duas fases, é uma pálida cópia da realidade, e é sobre esta pálida cópia que trabalha o pesquisador.

Os termos utilizados até agora para exprimir a relação entre o documento e a realidade — corte, recorte, excisão, mutilação, amputação — exprimiam todos, de maneira mais branda ou mais incisiva, uma perda de algo, uma alteração, um desvirtuamento em relação à matriz, encarado como negativo em relação a ela. Mas não será esta a condição necessária e indispensável para se obter qualquer documento sobre o qual se possa exercer a análise?

Se o conhecimento sensível, através do ato de perceber, constitui já uma abstração, as fases acima referidas seriam abstrações necessárias à obtenção de um documento que possa ser objeto de um aprofundar de reflexões. Dessa forma, toda a ação do pesquisador sobre o real, a partir do momento em que propõe uma pesquisa, significa desencadear uma seqüência de abstrações, cujo caráter isolante encontra sua validade no fato de constituir uma etapa para descobrir o que se oculta sob o imediatismo da evidência empírica. É este raciocínio que confere validade à ação científica. É neste contexto que as fitas gravadas com o objetivo de pesquisa diferem das fitas gravadas que integram a coleção de um Museu da Imagem e do Som, que visam apenas e somente preservar.

Mas se o documento escrito recobra assim sua importância diante da fita gravada, por que a exigência da fidelidade a esta última, a ponto de se encarar como "ótima" a transcrição efetuada pelo próprio pesquisador? É que abstrair não é efetuar quaisquer cortes no real; existem cortes que resultam da falta de instrumentos suficientemente refinados, ou de uma deficiência da habilidade do pesquisador, e são esses cortes que convém evitar para não pôr em risco a viabilidade do que se pretende fazer. Foi para esses que se quis chamar a atenção.

Cumprir aceitar, pois, a transcrição como a criação de um novo tipo de documento — o documento escrito — com todas as características dos deste tipo habitualmente encontrados. Como documento escrito, sua especificidade estará em poder ser confrontado com a matriz (a gravação) todas as vezes que necessário, o que não sucede com questionários, nem com documentos históricos. Como documento escrito, não dispensa o cotejo com outros tipos de documentos, para aqui-latar a veracidade ou o valor de suas revelações, englobando-se entre estes outros documentos o caderno de campo e as próprias recordações do pesquisador. É sobre o documento escrito que passará a trabalhar o pesquisador, que entra assim numa nova fase de sua labuta.

